Anno II — OVAR, quinta-feira 10 de Junho de 1909 — Numero 59

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA
Em Ovar, (villa) semestre . . . . . 500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . 600 »
Brazil, semestre . . . . . 700 »
Avulso . . . . . 20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,
Composição e impressão—IMPRENSA CIVILISAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

## A OBRIGA

## Republica e Patria

O convenio com o Transvaal que entrega Lourenço Marques, suavemente, á voracidade britanica veio mais uma vez demonstrar esta verdade, acsiomatica na dinastia portugueza, da inutilidade e nocividade dos Braganças.

Sem subirmos mais em cronolojias, desde D. João IV, elevado á força ao trono, até D. Manoel II ultimo monarca radiozo, nenhum dos dinastas, salvo Pedro V e Marquêz de Pombal, deitou fóra o tempo da governança sem atentados contra o paiz. Uns entregaram ao inglez praças fortes, outros deram-lhe ricas provincias; uns abandonavam a patria a invazores sem escrupulos, outros chamavam o estranjeiro para lhe estrangular o *risorgimento*.

Houve rei de Portugal e Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, que ofereceu o reino ao hespanhol, e ao inglez lamuriou a honra e a felicidade de lhe ceder terras como Setubal, um dos melhores pontos do reino. Não suponham que esta historia a tenham guizado inimigos do trono e altar, é em documentos do estado, em papeladas diplomaticas que a convicção se formou; se adquiriu a certeza. O Brazil, entre outros exemplos, desmembrou se da união com o reino e logo o Bragança o aproveitou com uma transijencia n'ele, ignobil; o imperio da India démol-o por um contracto nupcial com Bombaim á Inglaterra, como se a India fosse mesquinhamente, uma propriedade, uma conquista da corôa. Sempre, os dinastas e os estadistas que lhe executam as ordens e lhe usufruem a confiança em trez seculos de decadencia fizeram do reino e das possessões *roupa de francezes*; sempre a *razão de estado* era lucrar o rei, com prejuizo, embora, da nação e com seu descredito.

A historia de toda a dinastia, tornada nisto um *ponto de honra real*, repete-a hoje D. Manoel II com Lourenço Marques, a nossa possessão mais cobiçada pois que é a de maior futuro. Talvez nesta cedencia, grosseiramente disfarçada, não haja nenhum segredo de conveniencia, de necessidade real, e nesse caso foi por inepcia ou por leviandade palerma que se assinou o deploravel tratado; de modo que nem de inteligencia nos dá garantia o rejime. Lourenço Marques está seriamente comprometido para o nosso dominio africano, ninguem o pode negar, e as responsabilidades do facto, tambem ninguem o contestará são puramente monarquicas. A monarquia, portanto, nem ao menos é penhor de integridade nacional; a monarquia, portanto, cedendo parcelas de territorio é uma ameaça, uma probabilidade de novas extorsões e de novos desmembramentos. Assim como não soube ou não quiz garantir e salvaguardar na convenção com o Transvaal os interesses e a autonomia da nossa grande cidade sul-africana, assim, amanhã, nos poderá não defender a bandeira nem salvar os comuns interesses em qualquer ponto que seja. Provadamente incapaz com o seu atual monarca, como com os que o precederam, de reforma nos costumes politicos, de *vida nova* na administração, de intelijencia na direcção dos negocios, fica tambem, confessamente, reconhecida como nociva e perigosa até ao extremo de nos ir talhando em fatias para o *five ó clok* das nações.

Republica e patria hoje como hontem como amanhã, por consequencia, são termos de equivalencia, um é a sinonimia do outro. Visto que a monarquia nos não defende! Visto que nos entrega de sua plena e absoluta vontade ao estranjeiro! Hoje como hontem, como amanhã, excluzivamente: — Republica! Para garantia da nossa integridade territorial, para engrandecimento e civilisação do Portugal-Africano, para eficiente progresso da patria-mãe, integrando-se pelo trabalho e pelo avance na consciencia livre e comunitaria do moderno pensamento europeu.

Para andarmos, para sêrmos, sem meio termo: Republica!

**Antonio Valente.**

## REAL SORVEDOURO...

### *No paço de Belem*

No ministerio dos estrangeiros foi aberto concurso, por 15 dias, para a construção de uma mobilia de carvalho destinada á sala de jantar do palacio de Belem, e o concurso, á certa, não ha-de ficar deserto; nem a mobilia de carvalho nobre deixará de sêr adjudicada... ao mais feliz.

O palacio real de Belem! Estános por uma conta calada, em obras e em embelecos; e como a temos prezente vamos oferecel-a á meditação dos nossos leitores.

Ora vejam, ora saboreiem:

**Obras no paço de Belem**

| Anos | Total |
|---|---|
| 1893-94 . . . | 4:922$105 |
| 1894-95 . . . | 4:293$700 |
| 1895 96 . . . | 6:101$305 |
| 1896-97 . . . | 476$510 |
| 1902-3 . . . | 64:784$585 |
| 1903 4 . . . | 222:429$800 |
| 1904-5 . . . | 30:751$090 |
| 1905-6 . . . | 8:700$000 |
| **Reis (desde 1893 a 1907)** | **342:458$895** |

Nada menos, e ainda isto não é tudo, pois que nem todas as contas são conhecidas na sua vertijem de cifras—numerario extreme e de lei que é dinheiro amargamente adiquirido pela materia coletavel, o Zépovinho.

**Trezentos e quarenta e dois contos e pico, gastos sómente em embelezar um palacio, para, passados uns dois anos depois das obras, se abrir concurso para mobiliar uma sala do mesmo extranho edificio!**

**E' fantastico, é unico como realidade burlesca, que se tenham gasto centenas de contos ilegal e criminozamente com um palacio; e que sem se esperar pela liquidação d'essas ignobeis contas de saco se levem a concurso novas obras, novas despezas; é assombrozo que com trezentos e quarenta e dois contos e tal não se tivesse n'esse palacio, d'uma vez por todas, dado por findas as pavorozas bem feitorias!** Nem reflectida a um espelho, a egualdade perfeita das duas metades da monarquia; a velha e a nova, repetindo-se com uma unanimidade de vistas idealmente perfeita. Começa já as obras nos palacios, e se nós nunca duvidámos de que as viesse a retomar, aumentadas e correctas; nunca a imajinámos com tanta pressa. Uma mobilia de carvalho para a sala de jantar do palacio real de Belem, uma mobilia paga pelo tesouro, por credito aberto no ministerio da fazenda! . .

E' de inconvertiveis ladrões de estrada e só uma resposta merece: tirar o usufructo d'esses palacios a quem os tem para gastos loucos, para fantazias que arruinam.

Pague as mobilias do seu bolso;... vá-se embora!

## ECHOS DA SEMANA

### Soma e segue

Deu «A Lucta» importantes e graves informações sobre a nossa colonia de Macau, em risco de se perder por completo, e a braços com uma crise terrivel. Isto ha duas longas semanas, sem que o governo ou a sua imprensa se dessem ao trabalho que é obrigatorio de dizer da sua justiça. Caladinho que nem rato, não se recordando do proloquio ou então não tendo a corajem de confessar francamente. De modo que, para todos os efeitos, é verdadeiro o justo alarme de «A Lucta»; de modo que Macau, definitivamente, passa a simples recordação. Para servir de *pendant* ao tratado que transfere Lourenço Marques para a orbita do Transvaal é bom, é belo, é chic. Para mostrar aos povos o que são as belezas unicas das admnistrações monarquicas ultramarinas, para folha de serviços da monarquia ao paiz não pode haver meio formal.

Em quinze mezes de radiozo reinado—que descredito e que afundar de dominio!... Demore-se D. Manoel no oficio por mais dois ou trez anos e vêr-se-ha—ficamos com a camiza, isto é, com o pobre e escasso continente.

### Sobreviventes do terramoto

A subscrição aberta na «Patria» e que produziu 25$400 reis, 12 camizas e 1 toalha foi remetida, a semana finda, ao nosso correlijionario de Santarem Ex.mo Snr. Dr. José Montez.

Terá S. Ex.ª o trabalho de dar destino aos nossos socorros, e escuzamos de assegurar aos subscritores que será com a mais escrupuloza justiça que se empregará o seu nobre auxilio.

### A hidra

A camara dos deputados de Espanha houve por bem encerrar-se, afim dos proceres irem descançar, feriando. A' leitura do decreto de encerramento por *sinedie* (á maneira luza), Soriano, deputado da oposição republicana, interrompeu gritando «Viva a Republica!» Pois senhores não caíu o Carmo nem veio abaixo a Trindade; apenas os deputados monarquicos ripostaram com «Viva o Rei».

E mais não houve de hostil e fero contra a hidra do deputado Soriano.

### Os adeantamentos

«O snr. Diogo Pires relator da comissão de inquerito á admnistração do ultimo reinado, conferenciou hoje com o ministro da fazenda, acerca do facto d'esta secretaria não ter ainda fornecido todos os documentos pedidos pela comissão referentes a adeantamentos». Aqui está... E' uma noticia com carater de oficial, publicada de chapa em toda a imprensa diaria. Ha mais d'um ano que funciona a famoza comissão de inquerito, ha mais de um ano que ela reclama, que ela pede os documentos dos adeantamentos a particulares e á casa real; e, até agora, pelo ministerio da fazenda, de todos o mais comprometido, taes documentos não foram ainda entregues. Não o foram, e pôr-se-hão em jogo todas as habilidades para que não sejam nunca enviados á comissão. Todos os partidos monarquicos declararam querer luz, muita luz, toda a luz na famijerada questão; mas a verdade é que todos os governos vão estando de acordo para que essa luz se não faça; —para que novamente se escamoteie a verdade. No paço real, certamente, ha unisona egualdade de conveniencia e desejo, de maneira que, pode garantir-se, para os adeantamentos, e sem sêr precizo conchavos, todos os monarquicos formam—um bloco. Bloco d'eles e corôa, entendendo-se maravilhozamente no mesmo fim, no mesmo afan interesseiro. Resta que o paiz se deixe embaír, e que os seus deputados, a oposição republicana, se abstenham de impôr, de exijir contas claras.

Ora, como tal é impossivel os adeantamentos hão-de sêr saboreados á altura e comentados devidamente. Não é só comêr. Ha tambem chuchar...

### A dança

Entre as «Novidades» e o «Correio da Noite» já se riposta com azedume... e ainda está tudo como d'antes—governadores civis nos seus postos. Não terá muito que esperar quem se regala com o ralhar das comadres, e d'esta feita o amuo, a guerra, será de bradar aos ceus. E' o que disse Junqueiro: não podem caber todos á mesma meza comendo, d'ahi os que saem atirarem com as portas furiozamente, e os que entram tanjerem batuque com os talheres. A imprensa serve-lhes para o desabafo, já que, desgraçadamente, ha um paiz que os atura sendo a vitima dos seus ruins apetites. O devorismo... Pois não hade ter fim essa voraz e nefasta raça?... Pois não acabará—esse cancro?...

### Convenio e adiamento das côrtes

Protestando, vae o partido republicano no cumprimento do seu dever patriotico estimular pelos comicios e pela conferencia os brios e o levantamento da raça. Domingo comicios em Portalegre e em Torres Vedras, fartamente concorridos; hoje comicio no Porto, que será uma imponente e expressiva afirmação de combatividade e de protesto patriotico. O convenio com o Transvaal é, desgraçadamente, o maior atentado dos ultimos tempos á soberania portugueza, combatel-o não é ser republicano, é sentir como portuguez, e sel-o independentemente de quaesquer fronteiras politicas. Assim o disseram os monarquicos das «Novidades», do «Popular», do «Dia» e da «Epoca» quando ha um mez eram verdadeiros, e reclamavam comicios e formulavam protestos.

### Adesões

Só n'um concelho, o de Ceia, foi de 107 o numero de cidadãos que se filiaram no partido republicano. Em diversas outras terras, modestas e de importancia, continua o partido republicano a aumentar com adesões valiozas as suas vitoriozas fileiras, e mais, a ação de propaganda está ainda lonje da intensidade preciza. Mas vae-se andando—e de vento em pôpa, esplendidamente ajudados pelos nossos incomparaveis e insubstituiveis monarquicos.

### Leviatan

Os antigos, nas suas lendas do norte, fabularam a creação de uma monstruoza existencia domando os mares:—o escandinavico Leviatan. Pois hoje realiza-o a industria, muito maior e mais forte que a fantazia o creou. Batizado ha dias, obteve o nome de «George Washington» nome muito particularmente venerado na North-America; desloca 37:000 toneladas, tem a força motriz de 20:000 cavalos e mede 220 metros de comprimento. No seu bojo alojam-se á vontade 3:400 pessoas, e ahi teem como vapor de carreira luxuozo, e como embarcação maior do mundo... até hoje.

Não se nos dava de o experimentarmos n'uma passeata—pela ria.

### Sempre-viva

Em 30 de abril do ano corrente a divida flutuante tinha ancorado em 78:527:752$743 reis, sem cifra a mais e sem cifra a menos. Temos a esperança de vel-a, até ao fim de dezembro, se Deus dér vida e saude, arredondar para alem dos oitenta mil, ou mesmo se as coizas correrem bem aproximar-se dos noventa mil contos de reis. Não ha nada como gastar para nos darm'os a illuzão da riqueza, e compreendem'o tão bem os governos que ditoza-

mente nos rejem que ano algum a flutuante deixa de subir, de engordar. Depois quando o volume é demaziado consolida-se e vá de crear barrigada nova. Uns financeiros de truz...

# ARA

## REGRESSO AO LAR

Ai, ha quantos anos que eu parti chorando
d'este meu saudozo, carinhozo lar!...
Foi ha vinte?... ha trinta? Nem eu já sei quando!...
Minha velha ama que me estás fitando,
canta-me cantigas para me eu lembrar!...

Dei a volta ao mundo, dei a volta á Vida...
Só achei enganos, deceções, pezar...
O' a ingenua alma tão deziludida!...
Minha velha ama, que me estás fitando,
canta-me cantigas de me adormentar!...

Trago de amargura o coração desfeito...
Vê que fundas magoas no embaciado olhar!
Nunca eu saira do meu ninho estreito!...
Minha velha ama que me déste o peito,
canta-me cantigas para me embalar!...

Poz-me Deus outrora no frouxel do ninho
pedrarias de astros, jemas de luar...
Tudo me roubaram, vê, pelo caminho!...
Minha velha ama, sou um pobresinho...
Canta-me cantigas de fazer chorar!...

Como antigamente, no regaço amado,
(venho morto, morto!...) deixa-me deitar!
Ai, o teu menino como está mudado!
Minha velha ama, como está mudado!
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar!...

Canta-me cantigas, manso, muito manso...
Tristes, muito tristes, como á noite o mar...
Canta-me cantigas para vêr se alcanço
Que a minha alma durma, tenha paz, descanço,
quando a Morte, em breve, m'a vier buscar.

**Guerra Junqueiro.**

# Politicões e Politiquice

## *A espetativa... benevola*

A meio das tempestades e dos odios que iam nos arraiaes monarquicos, quando da ultima crise ministerial, surjiu como N. Senhora da Paz a figura serafica e «não faz mal a uma mosca» do atual chefe do governo. No dificil e espinhozo bocado de organisar ministerio, de arranjar o adiamento, de aplanar as incompatibilidades de grupos, foi de uma felicidade invejavel e de um exito pouco comum o novo rancho de salvadores. Para os servir e para lhes fazer boa cama estava inventado um recurso... a espetativa benevola, especie de arimisticio que os caçadores da pitança se concederam—para comerem por esse modo o apetecido governo. Sim—que outro não foi, e outro não é o fim oculto e unico dos varios ranchos em guerra. Ter por sua conta o governo, ter por seu lado os ministros, por eles influir rezolutivamente nos governos civis, nas admnistrações dos concelhos, nas camaras municipaes, na nomeação das afilhadajens, em suma—na distribuição das fatias ter a melhor parte... quando não possa sêr todo o bolo. Eis ahi. Rejeneradores-dissidentes e progressistas festejando-o, apaparicando-o, guiando-lhe os passos com o seu carinho, dando-lhe tudo. Teve o adiamento, terá a dissolução; pois que todos esses grandes amigos formam ao redor do governo uma sociedade de competencias, uma cooperativa de auxilios. José Luciano deu-lhe os seus votos, Vilhena deu-lhe a sua pessoa, Teixeira de Souza e Alpoim levaram-o ás costas em andôr... porque José Luciano, porque Vilhena, porque Teixeira de Souza e porque Alpoim, cada um para si e para os seus quer os efluvios do novo sol e o meio de captal-os evidentemente, está em lhe fazer boca doce. Não podem, porem, os nossos politiqueiros da monarquia caber todos, amavelmente, na mesma sala de jantar, conforme o lembrou Junqueiro, e por tanto as amabilidades de todos eles—espetativa benevola—hão-de ter termo... e não tarda muito. Alguns ficarão comidos, e esses virão furibundos proclamar com grandes palavras a guerra santa, alguns serão bigodeados e ai do governo—para esses. Nós nada temos com isso, é-nos extranho e indiferente que o logrado seja a rapoza navegantina ou que pague os gastos da luta o *maleavel* Alpoim.

Não. O que nós temos é com a moral do conto... essa espetativa benevola de barrigas. Compreender-se hia e seria lejitima, honesta, uma espetativa que se justificasse em fonte limpa, em elevados intuitos. Para acudir, sem crear atrictos de odio politiqueiro, aos problemas graves, dificeis, que nesta hora ha em aberto, para se unirem, todos, n'uma obra comum e digna, de reforma e renascimento. Mas isso é pedir á sombra de uma vara torta que seja direita; é exijir do circulo que seja triangulo; isso é realmente o impossivel. São incapazes de emenda—o que o berço dá a tumba o leva—e mesmo a monarquia para eles só o é, com a condição de os servir. Não lhes fazendo o que querem—amuo, e ás duas por trez transformados em seus *más linguas* terriveis. Viu-se isso sempre, e ainda não ha dois dias que o camaleão alpoinaceo arreganhava a dentuça, falando ao paço de esguelha. Arranjos, arranjos, esperanças, esperanças; eis o que é esta porcaria que batizaram com o lindo titulo de:—*espetativa benevola.*

Durará pouco, que tudo os impele para o sorvedouro, para a final perdição. Tambem, só depois de livres de taes hordas devoradoras poderemos nós, pelo trabalho, pela dedicação, pela enerjia e pela firmeza constituir, respeitado e digno, o Portugal novo que nós sonhamos. Conseguil-o-hemos, pois que comnosco, hoje, se encontram dando-nos animo todas as forças empreendedoras e todas as boas vontades dignas que ainda ha na patria portugueza. Deixemos passar a lama, empurremol-a para o cano de esgoto da morte, e novos dias de gloria, novos dias de luz teremos, ainda.

# Camilo Castelo Branco

No dia 1 d'este mez de junho que vae correndo passou o decimo nono aniversario do suicidio de Camilo.

Poucos jornaes portuguezes memoraram a data trajica e o gloriozo grande homem; dos diarios, que nós saibamos, apenas o «Janeiro» e a «Lucta» se lhe referiram. Todo o resto da nossa imprensa nem sequer a anodina linha do *passou hontem...*, d'uma evocação cronolojica; como se o morto fosse para ahi um nome braças abaixo de qualquer notavel desconhecido, d'esses que só em vida tomam espaço e evidencia pela sua nulidade imponente e sua real não razão de sêr. Pois a verdade é que o escritor, como nenhum outro, tinha direito e devia ater-se á homenajem oficial, coletiva, de uma consagração postuma grandioza; e se Eça de Queiroz, João de Deus e Herculano a tiveram, mesmo incompleta e somitica, razão não existe de que a não tenha logrado o romancista de jenio do «Amôr de Perdição» e do «Esqueleto». Camilo não foi um qualquer literato que tenha jus ao parcialismo devoto de meia duzia de *amadores*, ele foi, integralmente, o mais alto jenio literato do nosso idioma; e o seu romance, esplenduroza e suprema creação de figuras que é toda uma literatura, completa, ductil, una e avincadamente nacionalista.

Não foi a sua arte a diversão ultra-primorosa de qualquer fulano pouco acessivel, foi, é, será, pelos tempos fóra, a fecunda grande arte eternamente vivida de que as jerações se apropriam para dessedentarem a sêde do ideal:—na beleza, na paixão e no sentimento.

Ora, tendo sido como ninguem no proprio torturado e *doentio* de toda a sua existencia, tendo sido como nenhum dos seus pares, o descarnado e cego Camilo da velhice ao fechar o ciclo das suas dores e a peregrinação das suas duvidas encontra o jelo, a estupidez inerte e malevola de todo um povo:—até na morte negando-o.

Morreu ha dezanove anos, e, hoje ainda, nenhum *monumento* de iniciativa de particulares ou do estado revindicando para a nossa terra o nome e a gloria da sua pena; nada, salvo o protesto isolado mas sem efeito de meia duzia de oradores contumazes, bastante pobres ou bastante ininfluentes para reclamarem em vão.

A caír em ruinas, abandonada da historia, lá está a casa de Seide, sem pezado onus orçamentario transformavel em um museu camiliano; lá está no jazigo ignoto de Urbino o carneiro do morto, debalde esperando que honorifiquem com a sua prezença as altas abobadas do panteon. Os seus livros são a fortuna inexaurivel... das livrarias editoras, e os netos do romancista, escassamente, vivem ás sopas de uma pensão de 3$. Estatua que na transparencia, no «para além» de harmoniozo e perfeito marmore o evoque, creado pela *paixão* d'um grande e vidente artista, não a conseguiu até hoje, castigo, naturalmente, dos mil ridiculos e dos mil parvos que ele estatuou liberrimamente.

Deram-lhe em Lisboa uma placa de seis vintens no cunhal d'uma rua urbana e por ahi se quedou, exausta, a divida nacional portugueza.

E' nada!—é uma vergonha!...

Sequer ao menos, translademlhe para os Jeronimos as carcomidas ossadas.

# Precalços da confissão...

## *Um padre em pancas*

Na nossa quase-vizinha freguezia de Mosteirô houve, ha dias, um caso picaro e escandalozissimo.

Como nos contam, garantida a veracidade, eis o que se deu.

O padre ou um padre da freguezia n'um dos dias ultimos depois da missa e saídos do templo os devotos entretinha-se no doce «crime do padre Amaro» com uma das devotas da povoação, portas a dentro da casa de Deus. Por acaso entrando na egreja, uma pequenita apanhou o levita em flagrante delicto canonico e saindo para fóra propalou o cazo a grupos de jente que proximo á egreja se entretinha cavaqueando.

De roldão invadem todos o templo, mal dando tempo ao padre de esconder, fechada á chave na sacristia, a particular confessada. Estala barulho e na atrapalhação do delicto lembra-se o ministro do altar de alegar que uns gatunos queriam roubar a egreja, fugindo ao pressentil-o. Então parte do povinho dezata em corrida doida, no «agarra, agarra», inutilmente, pois que nem a sombra de um amigo do alheio encontraram. Findaria ahi a ocorrencia, se meia duzia de lavradores mais desconfiados não embicassem com a sacristia.

Fechada á chave, guardada pelo padre teimozamente, era para fazer duvidar os espiritos fortes do rancho...

Exije-se que a sacristia se abra e ante a ameaça de arrombarem a porta lá teve de ceder o clerigo, deu a chave, abriram... Dentro, tremendo como varas verdes, assolapada de medo e de vergonha lá estava o ladrão... uma Eva qualquer da terra, conhecida de todos, de todos eles vizinha. O ladrão, o ladrão!... nem mais nem hontem era aquele achado da creatura, notavel na freguezia pela assiduidade ao confesso. Uma trovoada de imprecações de pragas estalou e procura-se o padre para lhe fazer pagar com o lombo a partida da intrujice que lhes armara. Mas finorio, na desesperação das causas perdidas, o levita achou na leveza das pernas a rezolução da fuga salvadora.

Eclipsou-se, desapareceu!

Não teve mais consequencias o cazo, ficou-se nisso, salvo o trago da vergonha e do desprezo que acompanhará muito tempo a infortunada Heloíza. Nós somos acuzados de inimigos da egreja, *almas-de-Deus* ha que nos julgam a quintissencia do Anti-Cristo. Duvidarão pois da exatidão do informe, queiram verificar por meios directos. Verão que é verdadeira a noticia e que o facto se é, com a sua teatralização, anormal, no seu valor intrinseco não é unico, antes é corrente e uzual. Nem d'outra maneira poderia sêr, sendo o clero constituido de ociozos de carne e osso, e sendo tambem um dos seus «programas» promover o descredito relijiozo.

# Eleição da Comissão Municipal Republicana

**Realiza-se no domingo 4 de julho sendo considerados para o efeito como cidadãos republicanos os inscritos no centro partidario; e os eleitores não filiados no centro, desde que tenham votado nos actos eleitoraes as listas do partido.**

# CRONICA

Alta noite o povoado, ás escuras, repousa no seu sono pezado, profundo, de animal de trabalho. E' a hora que eu prefiro para flanar por essa enfiada de ruas, mistiforio arquitetural que na sua irregularidade, nos seus cotovelos continuos, ás vezes me oferece notas de um pitoresco ezotico e imprevisto. Feia como é, a agregação de casas

---

(13) **FOLHETIM**

**Camilo Castelo Branco**

# A Brazileira de Prazins

Seis anos depois, em 1845, quando o Zeferino das Lamellas andava em roda viva de Barrimáo para Quadros, o Cerveira não tinha alterado sensivelmente os seus habitos. Estava muito gôrdo, saude de ferro—um desmentido triunfante aos folicularios que desacreditam as virtudes ijienicas, nutrientes do alcool. Os vomitorios quotidianos explicavam a depurada e sadia carnadura do tenente coronel. Orçava pelos cincoenta anos, com um arrogante aspeto marcial, de intonsas barbas grisalhas,—olhos rutilantes afogueados pela calcinação cerebral.

As filhas não mostravam vestijios alguns de educação senhoril. Aquela Terezinha, que a Rosa de Carude denunciára, fujira para casar com o minurista das Quintans. As outras duas, muito boçaes e alavradeiradas tinham amantes—uns enjenheiros e empreiteiros do conde Clarange Lucotte, que andava fazendo as estradas entre Braga, Porto e Guimarães. Ninguem decente as queria para casar porque, alem do descredito, o pae não dava dote; e, desde que a mãe fujira, convenceu-se de que não eram suas filhas. Heitor e Egas, dous galhardos moços, de jaqueta de alamares de prata, facha vermelha e sapatos de prateleira com ilhozes amarelos, tinham eguas travadas que entravam pelas feiras n'um arranque de ropia e pimponice, que ia tudo razo. De resto, valentes e bebedos, possantes garanhões de femeaço reles, e muito esquivos a tratarem com senhoras—canhestros e bestiaes. Roubavam o milho e o vinho; vendiam, nas matas distantes, ao desbarato, córtes de madeira e roças de mato; alem d'isso tinham umas pequenas mezadas que o pae lhes dava. Ainda assim, a casa de Quadros não estava empenhada, prosperava, e era das primeiras do concelho. O luxo do fidalgo era a garrafeira—mais nada. As filhas de Honorata quando, entre si, falavam da mãe, chamavam-lhe «aquela desavergonhada»; os rapazes com um desapego desleixado que poderia finjir dignidade, nem se lembravam que tinham mãe.

Quanto ao pae, esse antes de jantar, era taciturno, casmurro, como quem se esforça por sacudir um pezadelo; e, de tarde, sumia-se para recomeçar as suas visões luminosas intercetadas pelas trevas momentaneas da razão. Não se sabe o que ele pensava da mulher.

Admitia pouca jente em sua casa e pouquissima á sua presença. Alem dos caseiros que lhe pagavam as grossas rendas de Vila do Conde, de Esmoriz e S. Cosme do Vale, apenas recebia o pedreiro das Lamellas que lhe fizera os canastros e reconstruira algumas paredes desabadas. Conhecia-lhe o pae, o alferes, desde a batalha de Ponte Ferreira. Mandava-lhe botijas de jenebra e maços de cigarros;—que bebesse, que se embebedasse, que os tempos não iam para outra cousa. E o alferes com vaidade de fino:

—A quem ele o vem dizer!

Ultimamente, falavam muito da chegada do snr. D. Miguel «o meu velho amigo» dizia o Cerveira pondo as mãos no peito e os olhos no tecto.

—Venha ele e vêr-me-has, Zeferino, á frente dos meus dragões de Chaves!—Relampagueavam-lhe então as pupilas e fazia largos jestos marciaes, com o braço tremulo como se brandisse a espada, rompendo um quadrado; montado na fantasia arqueava as pernas, descaía o tronco sobre um imajinario cavalo empinado e bufava com trejeitos ferozes. Era d'um ridiculo lacrimavel. O Zeferino dizia ao pae que ás vezes lhe tinha medo quando ele fazia aquelas partes.

—O vinho do Porto é o diabo! dizia o alferes com uma grande experiencia d'essas façanhas incruentas—é o diabo!

O Zeferino, na volta de Santa Marta de Bouro, contou-lhe o que soubéra em casa do capitão mór. O tenente coronel quiz imediatamente partir para o Lanhozo; mas não tinha roupa decente para se apresentar a el-rei. As fardas estavam traçadas, podres com um bafio de rodilhas no fundo de uma arca; dos galões restava um tecido esbranquiçado com laivos verdoengos; o casco das dragonas esfarinhou-se-lhe nas mãos roído pelos ratos. Não tinha cazaca. Desde a convenção d'Evora Monte, mandava fazer a Guimarães uns ferragoulos de mescla á laia de capote de soldado para o inverno; de verão para equilibrar o calôr artificial interno com o da atmosfera, andava em ceroulas e fazia leque da fralda. Por decencia fechava se nos seus aposentos. Mandou chamar um alfaiate a Braga, o Cambraia da rua do Souto, para se vestir á militar e á paizana.

Entretanto o Zeferino, um pouco dezanimado contou-lhe que o seu padrinho de Barrimáo e mais o frade não acreditavam que el-rei estivesse em Calvos; que era uma comedela do Dr. Candido de Anhêlhe e dos padres para apanharem cincoenta contos á D. Izabel Maria; que os jeneraes do snr. D. Miguel não sabiam de nada.

que é a minha terra tem uma alma curioza, um jenio de *urbs* vizivel, e vale a pena de rua em rua, de canto em canto, surprendel-a em camiza, na nudez tranquila e exata do seu rico sono provinciano. Não me digam que fantazio, que uma aberração imaginativa me faz vêr almas e corpos nas sombras vagas, nas sombras mudas. Se eu lhes digo que tenho tido autenticas e surprendentes surprezas, que tenho escutado vozes misteriozas, que tenho compreendido jestos ocultos, realidades que se me impõem, que subjugam o meu temperamento de analize e as minhas perdileções do sensivel... Ha casas, ha pedaços de rua morta com toda uma historia completa e pouco lejivel; n'umas é a paciencia, a corajem, a tenacidade dos moradores refletindo-se, corporisando-se nas impressões do exterior; n'outras é um drama intimo, chagas sangrentas de paixões fortes, amores que se concentram para arderem com mais veemencia, anos que passam por sobre esperanças para só deixarem caveiras,—uns predios ha que vos falam de interiores pacatos, onde pão, vinho e lenha com a saude abundam; umas ruas conheço que testemunham de muita mizeria, de muito trabalho sem recompensa; aqui, alem, nos olhos sangrentos de algum lampeão menos dorminhoco eu não deixo de sêr, punjente, uma agonia escondida, uma viuvez doloroza, uma orfandade dramatica. Os senhores, que se chamam espiritos fortes, os cavalheiros que filanceam de positivos, não se ponham a jurar prá hi que isto são lerias, visualidades. Visualidade, cantata, é a sua segurança indolente na impassividade que cuidam privilegio e categoria da natureza profunda, e, ás vezes, ao ouvido lho segredamos, essa segurança que ostentam—é a palermice inequivoca. Dentro dos vidros de uma janela o cortinado que treme com inquietas intermitencias é um coração de mulher, amorozo e impressionavel nas palpitações violentas de um encontro que tarda; pelas frinchas de uma portada uma candeia que se amorrinha é o soluçar de uma espoza abandonada do marido nas borracheiras bordalengas; para alem das paredes agasalhantes um tic-tac de relogio, contando o tempo, é a paixão de um rapaz que estala e se exacerba, que tem erupções e crises de desespero; e uns passos curtos que mal se ouvem são, porventura, a tormentoza vijilia d'um pae que não encontra amanhã com que pagar uma letra.. Ah! Ah! Ah! Imajinavam, talvez, que a noite não era mais que uma grande capucha negra sob a qual, como pintainhos, os homens e as povoações se aconchegam dormitativos; futuravam imensa a noite sem estremeções, sem angustia!...

Lá porque andando de rua em rua não vissem á janela, não encontrasse á porta os convivas Amôr, Infortunio, Ilusão, Doença, Ciume, Odio, Esperança; porque os não vissem não creiam que eles, assolapados, durmam a noite de todo em todo. A's horas mortas, flanando na povoação fechada, deserta, dos arruamentos excentricos até ao centro conselheiral nem tudo ronca, nem toda a alma sopita, tenho-o visto, tenho-o ouvido...

Ouvir e vêr como o poeta:

> Ouço cousas que não ouço,
> vejo cousas que não vejo,

vêr, ouvir, penetrar o sentido oculto, intimo das cousas;—aguafortizadas pelo silencio, cinematografadas pelo escuro...

**Minusculus.**

# VARIEDADES

## *Uma ran celebre*

Certamente não é caso vulgar que uma ran alcance celebridade, a ponto de como um acontecimento cientifico ter de rejistar-se a sua morte. Pois este sucesso verdadeiramente excecional deu-se em 1905 com um d'esses batraquios, conhecidissimo dos fisiolojistas. E' esta a historia:

Wilber, director do departamento de Fisiolojia da Universidade Americana de Cornell, sustentára que nos animaes o cerebro é a séde da consciencia e da vontade. Com o fim de provar a sua teoria, tomou em 1899 uma ran á qual extraiu os dois hemisferios cerebraes. A operação foi bem sucedida e o animal curou-se rapidamente da extraordinaria ablação. A ran descerebrada foi colocada n'um grande vaso aberto, onde permaneceu cinco anos completos—até á morte.

Durante tão longo periodo não mostrou o animal o mais leve signal de iniciativa; os seus movimentos, extremamente lijeiros, eram atribuidos á fadiga muscular, como os de uma pessoa adormecida. Os olhos, os nervos e os lobulos oticos do cerebro permaneciam no estado normal; a ran devia, pois, vêr, mas não compreender o que via. Não percebia os alimentos, ainda os mais atraentes, que lhe eram colocados em frente, sendo alimentada á força.

Tocando-se-lhe, movia-se e saltava; colocada na agua, nadava até encontrar um suporte qualquer; voltada de costas, alcançava a pozição normal rapida e vigorozamente. Nunca, porem, se deslocou por seu proprio movimento.

Tal era o curiozo animal, que durante anos serviu para demonstrar a sucessivos cursos da universidade de Cornell as funções do cerebro, de que fôra privado, e as das outras partes do encefalo, que lhe foram conservadas.

## *Distrações de sabios*

Newton o grande sabio inglez que descobriu as leis da gravidade, era proverbialmente distraido. Conta-se que um dia, procurando saber o numero de segundos que um ôvo leva a coser, reparou, passado um minuto, que tinha o ôvo na mão e que puzera a coser o seu relojio, joia preciozissima pela exatidão matematica.

Ampére foi sempre de uma distração assombroza. Na Escola Politecnica quando acabava uma demonstração na pedra, quase nunca deixava, diz Arago, de limpar os algarismos com o lenço, e de meter na aljibeira a rodilha tradicional, depois já sabe, de se ter assoado n'ela.

Um dia houve quem o visse tomar o fundo de um trem de praça por uma pedra das que servem nas aulas, traçar a jis varias formulas de calculo e seguir aquela pedra ambulante um pedaço, sem parecer que dava pela marcha do trem.

Para evitar vizitas importunas, uma manhã escreveu em cima da porta: «O senhor Ampére sahiu». D'ahi a pedaço saiu realmente e esqueceu-se de levar o guarda-chuva. Como começasse a chover voltou para traz; quando viu as palavras que tinha escrito na porta estacou e começou a tocar á campainha e como ninguem lhe respondesse, afinal partiu debaixo de chuva sem considerar que trazia a chave na aljibeira.

Um outro sabio o padre Beccaria, preocupadissimo com a idea d'uma investigação sobre a eletricidade, lembrou-se um dia, quando estava a dizer missa, de gritar com toda a força em vez de *Dominus-Vobiscum:* «Está feita a experiencia *(l'esperienza é fatta)*. Esta distração teve como rezultado sêr castigado disciplinarmente o ilustre sabio—visto que a Egreja não sabe perdoar aos homens de ciencia.

O professor Amorim Viana que lecionou e viveu no Porto, bastantes anos, era tambem distraidissimo. De inverno era visto, vulgarmente, de botas cambadas e rotas pelas valetas da rua, cheias da enxurrada da chuva. Pois seguia sem dar por tal, muito tempo, floreando a bengala e falando só animadamente.

Cá em casa, e já que falamos de distrações, temos um camarada de redação que sem sêr matematico, fisico, professor, é tão distraido e esquecido como meia duzia de sabios descobridores.

## *De morte natural*

O fiscal de uma companhia de seguros de vida vae verificar o falecimento de um segurado, e dirije-se a um dos herdeiros:

—Diz então V. Ex.ª que o segurado morreu de morte natural?

—Não, senhor, respondeu o herdeiro, eu nem disse isso nem o podia dizer: ele morreu com trez medicos á cabeceira!

# CHRONICA AGRICOLA

XLI

## *O terramoto na agricultura*

O titulo d'esta chronica tem seu quê de curioso. E' certo que todos conhecem os effeitos que um terramoto como o que destruiu Benavente e Samora pode exercer na agricultura da região assolada. As alterações na topographia, quando as ha, o regimen das aguas, a destruição dos abrigos, etc., são outras tantas causas da perda de uma colheita e até d'um terreno se tornar improprio para culturas até ahi remuneradoras.

De nada d'isso, porém, eu quero tratar n'esta chronica, mas tão sómente d'uma curiosissima noticia extrahida dos jornaes e demais oriunda de Coimbra, a *alma mater* da sciencia nacional.

Segundo vi, *uma ameixieira appareceu coberta de vagens*, dias depois do terramoto; portanto seguindo o criterio do *post hoc ergo propter hoc* que póde traduzir-se livremente: *poço fundo, aguas turvas, ha lampreias*, affirmou-se que—por causa do terramoto estava uma ameixieira a dar vagens!

Claro que isto era interessante; mas como o terramoto já tem ás suas costas sufficientes prejuizos e manifestações bem curiosas, entendi que não devia, por minha parte, deixar correr mundo a baléla.

E todavia se n'uma chronica me occupo do assumpto que póde parecer uma intrujice é porque parto do principio d'acreditar piamente em que a ameixieira tenha apparecido coberta de vagens; o que nego é que isso seja effeito do terramoto.

Como de começo, eu prometti trazer a estas chronicas o producto das minhas experiencias quando as tivesse e o das minhas leituras, vou explicar a razão do apparecimento das vagens, ou antes da *transformação do fructo n'uma especie de sacco semelhante a uma vagem.*

Eu nunca vi. Mas vejo isso—que é apenas uma doença—bem descripto n'um livro que tenho deante de mim e que vou transcrever (Maladies des plantes agricoles—Ed. Prillieux). Antes, só desejo dizer-vos que é quasi a mesma doença tão vulgar entre nós, que faz encarquilhar as folhas do pecegueiro o que em geral se attribue ao pulgão.

Afinal não é o pulgão, é o *Exoascus deformaus* e o que ataca a ameixieira é o *Exoascos pruni.*

O citado livro diz «O *Exoascus* produz a deformação dos pistillos que sob a sua influencia se desenvolvem extraordinariamente. Em vez de, como os normaes, se transformar n'uma ameixa com polpa e um caroço dentro, o *atacado transforma-se n'uma especie d'um sacco alongado*, amarellado, algumas vezes avermelhado, de superficie desigual.

Quinze dias ou um mez depois da floração da ameixieira os fructos atacados distinguem-se dos sãos por a sua côr d'um verde mais pallido; depois tomam rapidamente um desenvolvimento anormal transformando-se nos saccos.

Esta extensão extraordinaria das paredes do pistillo da ameixieira cujo tecido foi invadido por o mycélio do *Exoascus* é perfeitamente comparavel á hypertrophia das folhas encarquilhadas do pecegueiro».

Lopes de Carvalho no seu Manual Pratico das Arvores de fructo de caroço diz: As bolsas são de diversos tamanhos; e umas vezes comprimidas *como as vagens das leguminosas*, outras vezes fusiformes, direitas ou comprimidas.

A mesma arvore produz bolsas durante muitos annos consecutivos d'onde se conclue que o mycélio passa o inverno nos ramos novos que sustentam os fructos atacados e que, portanto é preciso cortar.

O *Exoascus* ataca ainda outras arvores além da ameixieira e pecegueiro; com differentes manifestações se encontra na cerejeira, na pereira e até no choupo.

As vagens vistas em Coimbra são pois uma doença bem vulgar e em que o terramoto influiu tanto como n'uma unha encravada ou na dôr d'um callo. Apenas as vagens, se as abrissem, não teriam dentro qualquer fructo mas apenas—ar.

Passado algum tempo ellas estarão brancas, depois amarello ocre, e por fim apparecerão pontuadas d'escuro.

Como disse é aconselhada a queima dos fructos atacados e dos ramos que os sustentam além dos tratamentos d'inverno usados para a destruição dos germens d'estes parasitas.

* * *

# NOTICIARIO

## Dia a Dia

—Acommettida d'uma pneumonia, guarda o leito a snr.ª D. Maria Barbara Barbosa de Quadros, a quem desejamos rapidas melhoras.

—Continua de cama na Curía, o nosso amigo José Luiz da Silva Cerveira, cujo estado de saude é ainda melindroso.

—Tambem passa incommodado de saude na sua casa do Sobral, o snr. João Pereira d'Almeida, pae do nosso dedicado correlionario José Maria Pereira d'Almeida.

—Cumprimentamos no principio da semana n'esta villa, aonde veio de visita, o nosso amigo e conterraneo José Barbosa de Quadros, o qual já retirou á sua casa de Bemposta.

—

## S. Christovão

Hoje, quinta-feira do Corpo de Deus, é exposta na fórma do antigo costume á adoração dos fieis, nos paços do concelho, a gigantesca imagem de S. Christovão, advogado contra o fastio e padroeiro cá da freguezia.

No anno passado fizemos um justo reparo sobre a collocação da imagem e por essa razão estamos na espectativa, suppondo que d'esta vez os monarchicos da camara e fervorosos catholicos não darão as *honras* de lacaio ao santo, pondo-o no atrio do edificio.

A vêr vamos.

—

## Senhor da Pedra

Este anno notou-se pouca animação e fraca concorrencia á chegada á Estação dos romeiros do Senhor da Pedra.

—

## Fallecimento

Em Santhiago de Riba Ul falleceu domingo a snr.ª Joanna de Pinho Ferreira, sogra do snr. José da Costa Raymundo, a quem apresentamos o nosso cartão de pesames.

—

## «A Varina»

Em magnifica edição, foi-nos offerecido o catalogo dos preços dos productos da fabrica de conservas alimenticias «A Varina», d'esta villa, propriedade dos snrs. Ferreira, Brandão & C.ª

Este catalogo, tão necessario em todas as industrias mas mui principalmente n'esta, ha-de, cremos nós, ser um poderoso elemento de propaganda da «Varina», já tão conhecida não só na Europa mas nos centros mais populosos e commerciaes da America e Africa, tornando conhecidos os seus variados e famosos productos, visto que a sua preparação é feita com meticuloso cuidado por um pessoal technico escolhido e consciencioso.

Agradecendo a offerta, appetecemos á empreza da «Varina» um futuro largo e prospero.

—

## Nova firma

Acabam de se constituir em sociedade commercial os snrs. José Pinheiro Garrido e José Nunes Lopes, associando-se este áquelle para a exploração do estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão, que até agora era da responsabilidade do primeiro societario.

O estabelecimento continua na rua dos Campos, ficando todo o activo e passivo a cargo da nova firma sob a razão social de José Pinheiro Garrido & C.ª.

Muitas prosperidades.

—

## Misericordia d'Ovar

| | |
|---|---|
| Transporte Rs. . | 7:515$360 |
| João d'Oliveira Gomes Silvestre . . . . | 10$000 |
| Somma . . . . | 7:525$360 |

(Continúa).


# ANNUNCIOS

**BILHAR**

Vende-se um em bom uso. Trata-se com Manoel Augusto Nunes Branco.

**ALFAIATE**

Manoel d'Oliveira Paulino participa aos seus estimaveis freguezes e ao publico que mudou para a rua das Figueiras (em frente de S. Lourenço).

**Carrelhas & Filho, Suc.or**

COM

*Armazens de Vinhos, Aguardentes, Geropigas e Vinagre*

PARA

**CONSUMO e EXPORTAÇÃO**

**TANOARIA**

**Commissões**

End. Teleg.—CARRELHAS

*Rua das Figueiras*

**OVAR—Portugal**

**30$000 REIS MENSAES**

Qualquer póde ganhal-os, exercendo uma industria que não depende de capital, que é d'absoluta novidade, e d'uma facilidade extrema. Póde-se exercer sem prejuizo de qualquer outra occupação.

Industria facil e lucrativa para os pobres, economia e recreio para os ricos.

Escrever, enviando 300 réis para o segredo, a Aurelio Augusto Corrêa, **MONSÃO.** A todo o comprador, é offerecido gratis, um lindo postal.

# INDICAÇÕES PARA TODOS

## Commercio

*(Noticias da ultima semana)*

CAMBIOS

**No Porto**: valor da libra, ouro, de 4$980 a 5$050 réis.

Valor da libra, papel, de 4$960 a 5$000 réis.

**No Brazil**: cambio—15 1/4—*/ Londres, valor da libra, 15$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 1/4—4$980 réis.

Cada 100$000 réis brazileiros, a esta taxa, produzem 31$650 réis, moeda portugueza.

## Preços dos Generos

*No nosso mercado*

SETUBAL

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Arroz: | 1.ª qualidade, | 15 kilos. | 1$400 | réis |
| » | 2.ª » | 15 » | 1$350 | » |

BAIRRADA

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| » | 1.ª qual., | 15 kilos. | 1$300 | » |
| » | 2.ª » , | 15 » | 1$250 | » |
| » | 3.ª » , | 15 » | 1$200 | » |
| Batatas, 15 kilos | | | 400 | » |
| Centeio 20 litros | | | 740 | » |
| Fava, 20 litros | | | 750 | » |
| Farinha de milho, 20 litros | | | 840 | » |
| » | trigo, 1.ª qual. kilo. | | 103 | » |
| » | » 2.ª » » | | 93 | » |
| » | cabecinha » | | 62 | » |
| » | semea superfina » » | | 40 | » |
| » | » grossa | | 38 | » |
| Feijão vermelho, 20 litros | | | 1$280 | » |
| » | branco, 20 » | | 1$220 | » |
| » | mistura, 20 » | | 960 | » |
| Milho branco, 20 » | | | 800 | » |
| » | amarello, 20 » | | 700 | » |
| Ovos, duzia | | | 140 | » |
| Tremoço, 20 litros | | | 380 | » |
| Azeite, 1.ª qual. litro | | | 300 | » |
| » | 2.ª » » | | 270 | » |
| » | 3.ª » » | | 260 | » |
| Alcool puro, 26 litros | | | 6$500 | » |
| Aguardente de vinho, 26 litros | | | 3$380 | » |
| » | bagaceira, 26 litros | | 2$730 | » |
| » | figo, 26 litros | | 1$950 | » |
| Geropiga fina, 26 litros | | | 2$080 | » |
| » | baixa, 26 » | | 1$430 | » |
| Vinho tinto, 26 litros | | | 750 | » |
| » | branco, 26 » | | 900 | » |
| » | verde, 26 » | | 900 | » |
| Vinagre tinto, 26 » | | | 700 | » |
| » | branco, 26 » | | 900 | » |

## Pescado

NO FURADOURO

| | |
|---|---|
| **Companha Boa Esperança** — Rendimento de janeiro a maio de 1909 | 1:306$010 réis |
| **Companha do Soccorro**— Rendimento de janeiro a maio de 1909 | 1:012$520 » |
| **Companha S. José**—Rendimento de janeiro a maio de 1909 | 1:588$510 » |
| **Companha S. Pedro** — Rendimento de janeiro a maio de 1909 | 681$990 » |
| **Companha S. Luiz**—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 | 7:388$835 » |

NOS CAMPOS

Rendimento de . . . . . .

## Matadouro

No mez de . . . . . .

Rezes abatidas para o consumo:

.... Bois, com o pezo de .... kilos

.... Vitelas, » » » » .... »

.... Porcos, » » » » .... »

## Correio

**Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.**

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o **Norte** pelo comboio das 6,23 da manha e 6,23 da tarde e para o **Sul** pelo das 7,52 da manha e 10,13 da noite.

*Continente, Ilhas, Africa e Hespanha*

*Cartas* (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . 25 réis.

*idem* (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha. 25 réis.

*Jornaes* (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. . 2½ réis.

*Impressos* (peso maximo 2000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

*Manuscriptos* (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis

Cada 50 gr. mais ou fracção 5 »

*Amostras sem valor* (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção . . . . . 5 réis

*Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha*

*Cartas*, até 20 gr. . . . . 50 réis

» cada 20 gr. ou fracção . 30 »

*Bilhetes postaes*: cada . . . 20 »

*Jornaes e impressos* (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção . . . . . 10 réis

*Jornaes para o Brazil*, cada 50 gr. ou fracção . . . . 5 réis

*Avisos de recepção*—Cada um. 50 réis

*Registo*—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

*Cartas com valor declarado*— Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20$000 réis ou fracção.

*Encommendas postaes*—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros. — Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

*Valles do correio*—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5$000 réis ou fracção. Limite 500$000 réis, 200$000 réis, 100$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sédes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emittidos.

*Telegrammas*—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

## Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

| | | | |
|---|---|---|---|
| De 1$000 réis até | 10$000 réis. | | 10 |
| » 10$001 » » | 50$000 » . | | 20 |
| » 50$001 » » | 100$000 » . | | 30 |
| » 100$001 » » | 250$000 » . | | 50 |
| Cada 250$000 réis a mais ou fracção. . . . . | | | 50 |
| Valor não conhecido ou declarado. | | | 500 |
| Cheques ao portador . . . . | | | 20 |

LETRAS DE CAMBIO

*Sendo á vista e até 8 dias*

| | | |
|---|---|---|
| De 1$000 réis até | 20$000 réis. | 20 |
| » 20$001 » » | 50$000 » . | 50 |
| » 50$001 » » | 250$000 » . | 100 |
| Cada 250$000 réis a mais ou fracção. . . . . | | 100 |

*A mais de 8 dias de praso*

| | | |
|---|---|---|
| De 1$000 réis até | 20$000 réis. | 20 |
| » 20$001 » » | 40$000 » . | 40 |
| » 40$001 » » | 60$000 » . | 60 |
| » 60$001 » » | 80$000 » . | 80 |
| » 80$001 » » | 100$000 » . | 100 |
| Cada 100$000 réis a mais ou fracção. . . . . | | 100 |

*Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal*

| | | |
|---|---|---|
| De 1$000 réis até | 20$000 réis. | 20 |
| » 20$001 » » | 100$000 » . | 100 |
| Cada 100$000 réis a mais ou fracção. . . . . | | 100 |

## Associação dos Bombeiros Voluntarios

**Presidente da direcção**—Dr. João Maria Lopes.

**Thesoureiro** — Angelo Zagallo de Lima.

**Commandante** — Dr. Joaquim Soares Pinto.

## Toques de incendio

| | | |
|---|---|---|
| Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna..... | 4 | Badaladas |
| Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores.... | 5 | » |
| Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte — Oliveirinha —Lamarão e Motta.... | 6 | » |
| Bairro d'Arruella até á Poça..... | 7 | » |
| Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo... | 8 | |
| Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral..... | 9 | » |
| Estação e Pellames..... | 10 | » |
| João—Cima de Villa e logares visinhos..... | 11 | Badaladas |
| Ribeira..... | 12 | » |
| Assões—Granja e Guilhovae..... | 13 | » |
| Furadouro..... | 14 | » |

**Para cessar — 3 badaladas.**

## Associação de Soccorros Mutuos

**Presidente da direcção** — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

**Thesoureiro** — Antonio da Cunha Farraia.

**Cartorario** — Manoel Augusto Nunes Branco.

**Medico** — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

**Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.**

## Commissão de Beneficencia Escolar

**Presidente** — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

**Secretaria** — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

**Thesoureiro**—Dr. João Maria Lopes.

**Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.**

## Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
Antonio da Silva Brandão Junior.
Carrelhas & Filho, Successor.
Manoel Ferreira Dias.
Manoel Soares Pinto.

## Agentes Bancarios

*João José Alves Cerqueira*, do Banco Commercial de Lisboa.

*João da Silva Ferreira*, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

*Joaquim Ferreira da Silva*, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

## Agentes de Seguros

*Carrelhas & Filho, Successor*, da Companhia «Portugal».

*João José Alves Cerqueira*, das Companhias «Indemnisadora» e «Probidade».

*João da Silva Ferreira*, da Companhia «Garantia».

*Joaquim Ferreira da Silva*, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Español».

*José Luiz da Silva Cerveira*, da Companhia «Internacional».

## Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

## Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo Manoel Valente d'Almeida.

## Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

## Fabricas

**A Varina** (conservas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.ª, **Moagem da Cereaes**—Soares Pinto & C.ª, Limitade **Ceramica**—Peixoto, Ribeiro & C.ª

## Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

## Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—**Estação**, «Canastreiro»—**Rua de St.ª Anna**, «Central»—**Rua da Praça**, «Cerveira»—**Furadouro**, «Jeronymo»—**Largo do Chafariz**, «Nunes Lopes»—**Rua dos Campos.**

## Lojas de Fazendas

**João Alves**—Praça, **João Costa** — Praça, **José Garrido** —Rua dos Campos.

## Mercearias

Abilio José da Silva—**Ponte Nova**-Francisco de Mattos—**Praça**, José Gomes Ramillo — **Rua do Bajunco**, José Luiz da Silva Cerveira — **Praça**, José Maria de Pinho Valente—**Rua da Graça**, Manoel Valente d'Almeida—**Praça**, Pinho & Irmão—**Praça**, Viuva de José de Mattos—**Poça**, Viuva Salvador—**Largo do Chafariz**, Tarujo & Laranjeira—**Rua da Graça.**

## Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

## Recebedoria

**Recebedor** — Antonio Valente Compadre.

**Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.**

## Tanoaria

Carrelhas—**Rua das Figueiras.**

## Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

# HORARIO DOS COMBOYOS

## DO PORTO A OVAR E AVEIRO

### DESDE 15 DE MAIO

| | Comboyos | Tr. | Om. | Tr. | Rap. | Tr. | | Tr. | Exp. | Tr. | Rap. | Tr. | Tr. | Cor. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| MANHÃ | S. Bento | 5,19 | 6,35 | 7 | 8,50 | 9,39 | TARDE | 1,55 | 2,45 | 3,26 | 5 | 5,10 | 5,58 | 8,45 |
| | Espinho | 6,20 | 7,27 | 8 | 9,29 | 10,49 | | 2,55 | 3,40 | 4,24 | 5,39 | 6,15 | 7,1 | 9,55 |
| | Esmoriz | 6,36 | 7,35 | 8,16 | — | 11,2 | | 3,11 | — | 4,39 | — | 6,31 | 7,18 | 10,4 |
| | Cortegaça | 6,42 | — | 8,22 | — | 11,7 | | 3,17 | — | 4,45 | — | 6,37 | 7,24 | — |
| | Carvalh.ra | 6,48 | — | 8,28 | — | 11,11 | | 3,23 | — | 4,52 | — | 6,43 | 7,31 | — |
| | OVAR | 6,58 | 7,50 | 8,38 | — | 11,22 | | 3,33 | 3,59 | 5,2 | — | 6,53 | 7,42 | 10,24 |
| | Vallega | — | 7,56 | — | — | 11,29 | | — | — | — | — | — | 7,49 | — |
| | Avanca | — | 8,1 | — | — | 11,35 | | — | — | — | — | — | 7,56 | — |
| | Aveiro | — | 8,37 | — | 10,5 | 12,16 | | — | 4,40 | — | 6,14 | — | 8,37 | 11,10 |

## DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

| | Comboyos | Tr. | Cor. | Tr. | Tr. | Tr. | | Rap. | Tr. | Tr. | Om. | Tr | Rap. | Om. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| MANHÃ | Aveiro | 3,54 | 5,44 | — | — | 11,3 | TARDE | 2,5 | — | — | 5,34 | — | 9,56 | 10,29 |
| | Avanca | 4,37 | — | — | — | 11,42 | | — | — | — | 6,12 | — | — | — |
| | Vallega | 4,43 | — | — | — | 11,48 | | — | — | — | 6,17 | — | — | — |
| | OVAR | 4,51 | 6,24 | 7,20 | 10,20 | 11,57 | | — | 4,8 | 5,35 | 6,27 | 7,25 | — | 11,12 |
| | Carvalh.ra | 5,2 | — | 7,31 | 10,31 | 12,8 | | — | 4,19 | 5,46 | — | 7,36 | — | — |
| | Cortegaça | 5,7 | — | 7,36 | 10,36 | 12,13 | | — | 4,24 | 5,51 | — | 7,41 | — | — |
| | Esmoriz | 5,13 | 6,38 | 7,42 | 10,42 | 12,18 | | — | 4,30 | 5,57 | 6,42 | 7,47 | — | 11,36 |
| | Espinho | 5,30 | 6,47 | 7,59 | 10,59 | 12,34 | | 2,39 | 4,47 | 6,14 | 6,55 | 8,4 | 10,35 | 11,34 |
| | S. Bento | 6,34 | 7,47 | 9,2 | 11,58 | 1,47 | | 3,18 | 5,50 | 7,15 | 8,1 | 9,4 | 11,16 | 12,26 |